

REFLETINDO COM A FAMÍLIA

Dar limites é...

- Ensinar que existem outras pessoas iguais no mundo;
- Fazer a criança compreender que seus direitos acabam onde começam os direitos dos outros;
- Dizer “sim” sempre que possível e “não” sempre que necessário;
- Fazer a criança ver o mundo com uma conotação social (conviver), e não apenas psicológica (o meu desejo e o meu prazer são as únicas coisas que contam);
- Ensinar a tolerar pequenas frustrações no presente para que, no futuro, os problemas da vida possam ser superados com equilíbrio e maturidade;
- Desenvolver a capacidade de adiar a satisfação, evitando que a criança cresça achando que todos no mundo têm de satisfazer seus mínimos desejos e, se tal não ocorrer (o que é o mais provável), não consiga lidar bem com a menor contrariedade;
- Saber discernir entre o que é uma necessidade dos filhos e o que é apenas desejo;
- Dar exemplo, pois, quem quer ter filhos que respeitem as leis e os homens, tem de viver seu dia a dia dentro desses mesmos princípios.

O que pode acontecer quando não se dá limites?

A criança que não aprende a ter limites para o seu querer, para os seus desejos e vontades, que tudo quer e tudo pode, tende a desenvolver um quadro de dificuldades que vai se instalando gradativamente. Listamos, a seguir, algumas dessas dificuldades.

1. Descontrole emocional

A ocorrência é normal em crianças pequenas (até 5 ou 6 anos, no máximo). Quando nasce, a criança é hedonista, ou seja, vive em busca do prazer e da satisfação imediata de seus desejos e necessidades; e egocêntrica (o bebê e a criança pequena têm a mesma mítica de que o mundo gira em torno deles, de que todas as pessoas e coisas existem apenas para a satisfação de seus desejos).

Além dessas duas características – normais, é bom ressaltar –, a criança também não tem nenhuma noção de valores. Não sabe, nem pode saber o que é certo e o que é errado. Espera-se que cada pai e cada mãe, ainda que intuitivamente, tenha consciência disso. Portanto, é preciso que se encarreguem de, paulatinamente, ir mostrando aos filhos, em todas as ocasiões, especialmente pelo seu próprio modo de ser e viver, o que se pode e o que não se pode fazer em uma sociedade. Afinal, vivemos em um mundo regulamentado e quem não segue as leis pode sofrer sanções. Quem não percebe essa realidade simples pode acabar muito mal na vida, emocionalmente, profissionalmente, em tudo. Cabe aos pais, em primeiríssimo lugar, porque é sua responsabilidade – e responsabilidade não se delega – ir, pouco a pouco, levando esses conhecimentos aos filhos. É certo que a escola é uma instituição que muito irá colaborar com os pais nesse sentido, mas nunca poderá substituí-los.

2. Dificuldade crescente de aceitação de limites

Sem orientação e sendo atendida sempre que grita, bate, quebra coisas, esperneia ou xinga, a criança vai aprendendo essa mecânica como forma de comunicação e controle do mundo e das pessoas. Educar envolve um novo desafio a cada dia. Cada situação tende a se repetir muitas e muitas vezes, transmutada em outras formas, porém, com a mesma essência. Muitos pais, hoje, são tão imediatistas quanto seus filhos: querem tudo para hoje, para já, para agora e, em educação, não dá para ser assim. Há que se repetir, com calma, centenas e milhares de vezes a mesma coisa, para funcionar. O ser humano, por natureza, tem o desejo de sentir-se amado, aprovado, elogiado. Portanto, temos de aproveitar esse aspecto em prol da boa formação das nossas crianças. Quando o elogio vem dos pais é que elas dão maior importância.

3. Distúrbios de conduta, desrespeito aos pais, colegas e autoridades, incapacidade de concentração, dificuldade para concluir tarefas, excitabilidade, baixo rendimento.

Vamos recapitular: a criança nasceu, foi cercada de carinho e atenção. Isso é positivo e não pode faltar nunca: o amor. Mas, por outro lado, foi atendida em tudo, houvesse ou não fundamento para seu desejo. Foi crescendo e o mundo se tornou, para ela, seu escravo. Percebeu que podia interromper aos gritos quem estivesse falando; dormir na cama dos pais todas as noites; ir à escola só se tivesse vontade. É compreensível que uma criança que teve, durante anos, tantos benefícios, lute para não mudar essa realidade. Afinal, fazer somente o que se quer é muito mais agradável do que fazer o que se deve.

Esta criança que não aprende a ter limites cresce com uma deformação na percepção do outro. Só ela importa, o seu querer, o seu bem-estar, o seu prazer. O egocentrismo, natural nos primeiros anos, não diminui, pelo contrário, só cresce, ocasionando consequências graves, tais como: desinteresse pelos estudos, falta de concentração, falta de persistência, dificuldade de superar frustrações e desrespeito pelo outro.

Texto adaptado pelo Serviço de Orientação Psicopedagógica – SOP, extraído do livro *Limites sem trauma*, de Tânia Zagury.

OSG.: 3933/17 - CRCA/Rev.:ACL

EDUCAR FAZ BEM!